





# **A aproximação entre Turismo e a Arte da Dança: caso Expedição de Dança – PARNA Serra da Capivara/PI - Brasil.**

*The approach between Tourism and the Art of Dance: case Expedition of Dance - PARNA - Serra da Capivara / PI - Brazil.*

**Adriana Monteiro da Silva <sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Mestrado profissional em Turismo do Programa de Pós-Graduação em Turismo UnB.  
Email: drikkamonteiro@hotmail.com

**RESUMO**

O artigo A aproximação entre Turismo e a Arte da Dança: caso Expedição de Dança – PARNA Serra da Capivara/PI – Brasil, sugere refletir sobre a possibilidade de se pensar uma expedição como Turismo, tendo como referência a expedição que ocorreu no Parque Nacional Serra da Capivara (2013), fruto da dissertação intitulada “Grafias na Pedra: índices evolutivos da dança” (MARQUES, 2012) para conjecturar sobre as possíveis relações entre as figuras rupestres e os observadores *in loco*, tendo como pressuposto o entendimento de coevolução entre corpo e ambiente, cultura e memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo. Dança. Expedição. Cultura. Serra da Capivara.

**ABSTRACT**

The article A rapprochement between Tourism and Arte of Dance: Dance Expedition case – PARNA Serra da Capivara/PI – Brasil, suggests reflect on the possibility of considering an expedition as tourism, , using as an example an Expedition in the Serra da Capivara National Park (2013), in the dissertation paper “Spellings in the Stone: Evolutive Rates of the Dance” (MARQUES, 2012) to illustrate the possible relations between cava painting figures and the observer, ans understanding the hypotheses of the coevolution between the body and the environment.

**KEYWORDS:** Tourism. Dance. Expedition. Cultur. Serra da Capivara.

**O LOCAL**

Uma pintura na pedra, os braços para cima, outra pintura com círculos bem desenhados com os corpos dando as mãos e outras em linhas retas. Algumas em forma de composições porque apresentam um tipo de organização de dança; outros apenas como artefatos. Movimentos corporais que variam entre sustentações, troncos em contração e uso de adereços, onde algumas composições já se apresentam como “cena de dança”, ou com algum intuito de apresentação. Essas são apenas algumas descrições presentes no Parque Nacional da Serra da Capivara. A importância das grafias ali expostas como representações de dança, gera a necessidade de uma elaboração em forma de artigo. Eis que faço um convite para adentrar no “universo” lúdico e real dos povos primevos, vivenciado em uma Expedição de Dança.

A Expedição de Dança – Grafias na Pedra: Índices Evolutivos da Dança é uma iniciativa da Cia. Luzia Amélia<sup>2</sup> em parceria com a Universidade Federal do Piauí - UFPI e foi realizada no período de 26 a 29 de setembro de 2013 no Parque Nacional Serra da Capivara em São Raimundo Nonato/PI como resultado do seu estudo de mestrado realizado na Universidade Federal da Bahia - UFBA em 2012. Sendo a primeira Expedição de Dança do Brasil, foi compartilhada por pesquisadores de áreas distintas, mas com o objetivo de fomentar e promover a continuidade da pesquisa, alimentada pelas impressões dos pesquisadores convidados.

O local é considerado um dos que possui maior relevância como patrimônio cultural pré-histórico da humanidade e, de acordo com a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM),

---

<sup>2</sup> Cia. De Dança Contemporânea. Teresina/PI.

apresenta uma densa concentração de sítios arqueológicos, a maioria com pinturas e gravuras rupestres, nos quais se encontram vestígios extremamente antigos da presença do homem. São 912 sítios cadastrados, dos quais 657 apresentam pinturas, e os outros se localizam ao ar livre como “acampamentos ou aldeias de caçador-coletores, aldeias de ceramistas-agricultores, ocupações em grutas ou abrigos, sítios funerários e, sítios arqueo-paleontológicos”, segundo informações do site da Fundação<sup>3</sup>.

Paul Ricoeur (2007), ele trabalha com a questão da narrativa em seu livro, onde faz uma reflexão sobre o que venha a ser história, memória e esquecimento, que muito tem haver com a Serra da Capivara, que é um lugar que trás a representação da pessoa e da memória e esse vem a ser o objetivo norteador do texto.

Atualmente na área do Parque Nacional Serra da Capivara, existem aproximadamente 30 mil pinturas rupestres que são classificadas pelos arqueólogos como cenas de Dança. Algumas dessas figuras foram densamente analisadas durante o estudo de mestrado de Luzia Amélia<sup>4</sup>, que com a orientação da Doutora em Comunicação e Semiótica Adriana Bittencourt Machado<sup>5</sup> assinala que são Índices Evolutivos da Dança.

Tal inferência se insere na relevância das pinturas em sua historicidade e no processo evolutivo da dança, uma vez que as mesmas se apresentam como necessidade de comunicação do corpo. As grafias propiciam a observação de uma feitura imbricada nas relações entre homem, natureza, cultura, arte, memória uma evidência, em forma de registro, da coevolução.

Podemos fazer duas relações na qual Ricoeur nos direciona. A primeira é onde a memória é conhecimento, pelo fato dela nos oferecer oportunidade de vivenciar a experiência, uma experiência continuada no fato de que nós vivemos as voltas com a vida no cotidiano e nos quais a ciência também se ocupa, a partir da memória. Em que você busca dados, fatos e imagens para compor a memória. E a segunda, é lembrar que a finalidade da memória é lutar contra o esquecimento, fazer uma reflexão do passado, lembrar também que memória está ligada a um tempo e a um espaço, em que imagem – lembrança – memória, sempre estão fazendo relação, onde as lembranças são experiências, onde se faz reconstrução da memória, por meio das imagens.

---

<sup>3</sup> FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano.

<sup>4</sup> Mestre em dança, Diretora da Cia. Luzia Amélia, Presidente da Associação Amigos do Balé Folclórico – Balé de Teresina e Curadora da Expedição de Dança.

<sup>5</sup> Doutora em comunicação e semiótica, Vice-diretora da Escola de Dança, Autora do Livro: Imagens como acontecimentos dispositivos do corpo, dispositivos da dança.

**Figura 1:** Pinturas rupestres no Boqueirão da Pedra Furada



**Fonte:** Arquivo próprio

Ricoeur (2007) esclarece melhor quando cita Aristóteles: é permitido tentar apreciar a contribuição desse tratado para uma fenomenologia da memória, que é a forma que temos de acessar o passado, acessar por meio da lembrança, que esse é o fio condutor da memória. E que Platão reforça quando fala: que é tornar presente o ausente, a sensação de ir de encontro do passado, a partir da imaginação, você pode tornar o presente ausente, sem necessariamente precisar do corpo.

E podem ser percebidas na delicadeza dos traços, na singeleza das organizações corporais e/ou rituais, nos artefatos utilizados, em um modo de disposição onde podemos constatar que as grafias são representações de que os homens primevos dançavam.

## **O TURISMO**

O turismo ainda está tateando quando se relaciona aos processos teóricos, o que acarreta uma fragilidade, principalmente no que diz respeito a sua definição. Mas isso parte da complexidade que é esse fenômeno, bem mais que um negócio, mas, como um fenômeno social complexo, como observa Oliveira (2001):

Denomina-se turismo o conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural, produzidos numa localidade, decorrentes da presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativos. (OLIVEIRA, 2001, p.36)

É no rastro de uma condição histórica, a de realizar viagens, que se firma o que se conhece na atualidade por Turismo, onde são feitas algumas definições sobre Turismo. Beni (2001) oferece em sua produção várias visões sobre Turismo, das quais extrairemos as seguintes:

Uma delas é por meio do setor econômico, onde Robertb McIntosh (in BENI, 2001, p.34) diz que, Turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e cortesmente satisfazer suas necessidades e desejos.

Na definição holística de Turismo feita por Jafar Jafari (in BENI, 2001, p.36), conceitua Turismo como:

É um estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ela a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sociocultural da área receptora.

Enquanto Trigo (1993, p. 5), de certa forma, apresenta o pensamento de que o turismo “é antes de tudo, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esferas meras relações da balança comercial”.

Há várias vertentes de estudo e análises em vários contextos. Viajar para conhecer pessoas, tradições, histórias, culturas e aprender sobre o passado têm sido uma das mais fortes tendências para o Turismo.

Desde 1960, época dos primeiros estudos sobre a psicologia do Turismo surge as reflexões do que venha a ser essas viagens e o que motivaram, sendo que cada vez mais surgem “vontades” para essas viagens. Uma que tomaremos como alicerce será a usada por Krippendorf, quando ele nos diz que:

Viajar é partir para descoberta de si mesmo – é bem conhecido o fato de que é precisamente num ambiente incomum e estranho que retomamos a consciência da nossa própria realidade. Segundo essa tese, a viagem proporciona-nos a possibilidade de descobrirmos o caminho que nos conduz a nós mesmos. Temos tempo para ocupar-nos com o nosso próprio eu, para explorar a própria alma, para redescobrir a harmonia interior, para compararmos-nos ao outro e descobrir nossas aptidões. (2009, p. 48)

Viajar é um meio eficaz para realizar intercâmbio e troca de informações nos diversos contextos onde o Turismo atua, pois lida com aspectos culturais locais de forma sedutora como: hospedagem, alimentos e bebidas – A&B, Cultura, Gastronomia, dentre tantas outras para tornar a viagem produtiva e construir certa intimidade com o local com o objetivo de torná-lo uma rota e até mesmo uma forma de divulgação da região.

No livro *The mind of the traveler*, Eric J. Leed<sup>6</sup> (1991, p.1) inicia citando Camus:

O que dá valor a uma viagem é o medo. É o fato de que, num certo momento, quando estamos muito longe do nosso próprio país (...) somos defrontados com uma vaga sensação de medo, e um desejo instintivo de voltar à proteção de nossos velhos hábitos. Este é o benefício do viajar. (Tradução S.G).

---

<sup>6</sup> Leed (1991), p.1: “What gives value to travel is fear. It is the fact that, at a certain moment, when we are so far from our own country (...) we are seized by a vague fear, and the instinctive desire to GO back to the protection of the habitats. This is the most obvious benefit of travel”.

Camus ainda explica que não viajamos por prazer – porque o prazer nos separaria de nós mesmos; as viagens, ao contrário, devem nos trazer de volta a nós mesmos.

O Turismo implica não apenas na prática de viagens propriamente dita, mas em tudo que está por trás da comercialização do tempo livre, da estrutura de equipamentos, serviços, marketing, transporte, hospedagem, alimentação, lazer, intercâmbio de informações, criados e desenvolvidos a fim de atender a potenciais viajantes e, sobretudo, fazer circular o capital.

Segundo Barretto (2000):

O turista que viaja com este objetivo, vai em busca do turismo cultural, aquele em que o principal atrativo é algum aspecto da cultura humana, seja ele a história, o cotidiano, o artesanato, as pinturas ou qualquer outro aspecto que o conceito de cultura abranja.

Assim é que o Turismo se mostra como um dos principais aspectos da contemporaneidade, pois segundo João Dória Jr<sup>7</sup>, o Turismo é a segunda mais importante entre as atividades econômicas do planeta e uma das três maiores geradoras de emprego e renda. No Piauí, o “nascimento” de um turismo como prática econômica e social teve início na década de setenta.

A Expedição de Dança como uma prática do Turismo Cultural é um elo para que entendamos as particularidades do local e apreciemos a grandiosidade do ambiente que poucos sabem que existem e/ ou reconhece como riqueza cultural.

A história do turismo na região de São Raimundo Nonato/PI, surge no contexto em que a publicidade nordestina privilegia as paisagens litorâneas e silencia outras, como as áreas de caatinga semiáridas. A área arqueológica de São Raimundo Nonato/PI compreende o PARNA<sup>8</sup>, Patrimônio Cultural Imaterial, reconhecido em 1991, pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) é um dos roteiros turísticos apreciáveis pelos arqueólogos, historiadores, antropólogos, artistas e turistas em geral.

Conhecer outro caminho que não está inserido no roteiro turístico do PARNA<sup>9</sup>, possibilitando por meio da Expedição de Dança, uma viabilização até às 30 mil imagens que lá existem e são comprovadas em estudos feito por Anne Marie Pessis (antropóloga) e Luzia Amélia Marques (artista), que são imagens de Dança.

Então surge a necessidade de fazer com que essa trilha exista e seja mais um campo de pesquisa, tanto para o Turismo, como para a Dança, verificando a possibilidade para o Turismo

---

<sup>7</sup> Graduado em Jornalismo e Publicidade. Presidente do Grupo DORIA / Fundador e Presidente do LIDE – Grupo de Líderes Empresariais.

<sup>8</sup> Abreviatura de Parque Nacional Serra da Capivara.

<sup>9</sup> Abreviatura de Parque Nacional Serra da Capivara

Cultural na Região de São Raimundo Nonato, tendo como enfoque a Expedição de Dança, possa conjecturar sobre as possíveis relações com as imagens rupestres e os observadores in loco.

Pensar em riqueza cultural, nos remete a pensar na palavra cultura. Segundo Legoff (1990), antigamente era pensada hierarquicamente, existindo várias explicações sobre essa hierarquização podendo ser: herdada e adquirida, como se fosse algo imposto. Hoje, quando dialogamos com Bhabha (2003), encontramos o conceito de hibridismo concessão muito pertinente que acabou compartilhando ao pensamento de uma cultura como algo que está sempre em movimento, que está sempre em transformação e que Guertz (1989) reforça que essa cultura não é estátua, não é fixa.

Destacaremos o turismo cultural, que não está isoladamente relacionado só aos museus, ruínas arqueológicas, monumentos, conjuntos históricos, obras de arte, pinacotecas, mas também as danças, a gastronomia, o artesanato, os eventos, o folclore, a música, costumes, que de certa maneira transparece a “identidade” cultural de uma localidade, região ou nação e que agrega os outros segmentos do turismo, mas também o de lazer, o histórico, que o torna mais rico e mais inter-relacionado com o Turismo.

Nelson Nery Costa<sup>10</sup> (2006) indaga sobre a descoberta das pinturas no Piauí quando aponta que:

Foram às primeiras populações que para cá vieram, há cinquenta mil anos, ocuparam a Serra da Capivara, e deixaram sua arte e impressões no local de maior concentração de pinturas rupestres do Mundo.

**Figura 2:** Pinturas rupestres na oca do Baixão do Inferno



**Fonte:** Arquivo próprio

Enxergando aquele local como lugar turístico, ocorreu um intenso e rápido processo de redefinições na realidade da comunidade que, em função de receber visitantes, tem seus aspectos físicos, econômicos e socioculturais reformulados.

---

<sup>10</sup> Membro da Academia Piauiense de Letras, Professor Adjunto da UFPI e Defensor Público Especial.



O que precisamos, em primeiro lugar, não é de viagens diferentes, mas de pessoas diferentes. Somente uma outra sociedade e outras condições de vida produzirão um outro turista. Uma sociedade doente não pode produzir um turista sadio. (KRIPPENDORF, 2009, p.149).

Isso nos faz entender que a cultura e o turismo, caminham de braços dados e estão agregando a sustentabilidade e assegurando as gerações futuras o acesso a estes mesmos locais, criando imagens que as influenciem favoravelmente, estimulando-as a viajar para um determinado local.

Para explicar melhor, tomamos por empréstimo a fala de Gastal, quando diz que:

A cultura apropriada pelo Turismo é a cultura que gera produtos e manifestações concretas, sejam elas eruditas ou populares. E, infelizmente, o elemento cultural ainda tem sido minimizado nas propostas e reflexões turísticas, nas quais são valorizadas, numa ponta, as grandes manifestações de arquitetura histórica e, na outra, as muitas vezes estereotipadas manifestações folclóricas. Porém é necessário que a Cultura deixe de ser apresentada exclusivamente do ponto de vista do lugar, do sedentário, como algo acabado, como produto a ser assimilado/consumido. É preciso que mesmos os monumentos –arquitetônicos ou artísticos- sejam visitados e usufruídos enquanto símbolos de um determinado momento em uma comunidade, mas que eles também continuem vivos para a comunidade onde estão. (GASTAL, 2001. p.121).

Pensar a Expedição de Dança que ocorreu no Parque Nacional Serra da Capivara como um Turismo Cultural, é também mudar os sentidos de expedição e turismo, para compreender as especificidades de uma nova segmentação, uma segmentação rica e ao mesmo tempo complexa, onde envolve um diálogo entre o histórico, o cultural, a memória e a arte, ainda pouco estudada e conhecida e permite refletir as particularidades locais possibilitando a aproximação entre Cultura, Turismo e Dança.

## A EXPEDIÇÃO

**Figura 3:** Pinturas rupestres na Toca do Baixão da Vaca



Fonte: Direta, 2013.

A observação acurada dessas imagens nos possibilitou identificar a presença de um padrão de corpo redondo, rotundo, encerrado por uma linha curva, contínua e fechada, de onde parte segmentos de linhas curvas, muito curtas. (...) Observamos a presença de poucas texturas nos padrões formais. (...) Observa-se desde corpos menores a outros mais alongados, com cinturas muito finas, similares a um corpo alongado de onde partem os braços longos e sem articulações. (ZOZILENA, 2010, p. 72)

Bailarinos, mestres e doutores em Dança, psicólogos, psiquiatras, artistas plásticos, jornalistas, cineastas, produtor cultural e pesquisadores: esses foram os participantes da I Expedição de Dança com o objetivo de trocarem experiências e conhecimento em seus campos de atuação para fomentar a pesquisa de Luzia Amélia, Grafias na Pedra - Índices Evolutivos da Dança.

Marques reflete que (2012, p. 62)

Dançar, então, é produzir signos e a dança media as relações entre sujeito e mundo. As grafias noticiam configurações, formatos, movimentos, ações, formações. É por isso que conseguimos perceber a dança entre os demais registros de caça, sexo, guerra, dentre outros. Quando lançamos o olhar sobre aqueles corpos, percebemos essas singularidades. Uma espécie de notação, uma escrita de dança que destaca singularidades que nos faz perceber que não são apenas registros de caça, nem de pesca, nem de sexo, nem de guerra, mas são registros de dança.

Pelo viés dos Índices de Dança, acabamos por interiorizar aquelas pinturas e fazer parte da cena, pois o corpo ao observar as grafias entra numa dinâmica de mudança de estados corporais pelas sensações que as mesmas provocam. A relação entre corpo e ambiente propicia expandir a percepção pelas “portas sensoriais”, já que “O ambiente também se modifica e modifica as imagens no corpo”. (BITTENCOURT, p.57).

Na expedição, é possível perceber que o corpo dialoga o tempo todo com o ambiente, ambos apresentam suas relações de codependência, pois as figuras rupestres atestam a imbricada relação entre natureza e cultura, onde esse lugar é um lugar de memória em um tempo que não é linear, uma temporalidade que vai se construindo, interagindo, insurgindo.

E dialogando com o Turismo, percebemos uma dança circular, um *pas de deux*, um dueto que ele faz com a Dança, porque o Turismo é sistema vivo, não está dado, a todo tempo de organiza, se auto produz, em uma visão eco - organizador, de totalidade. Em que estamos sempre se organizando, por isso é aberto, organiza/desorganiza; ordem/desordem.

Segundo Marques (2012, p.59):

[...] A Dança produz informações no corpo correlacionando signos, pronunciando-se como comunicadora e articuladora de informações artísticos/cultural. A Dança é, portanto, produtora de Cultura.

As pinturas rupestres geram percepções diferenciadas, uma produção de imagens complexas, como algo que continua. Como nos diz Silvana Maria Santana<sup>11</sup>: “o corpo produz uma nova linguagem” onde ele troca com o ambiente, com aquelas imagens cravada nas paredes.

De acordo com M. Bittencourt (2012, p. 57):

O corpo opera por imagens, que constituem um dos seus recursos possíveis de se comunicar. São informações que validam a sua presentidade, pois se organizam como um jeito de corpo em um determinado momento. Desde uma ação motora, uma dor, aceleração dos batimentos cardíacos, manejar objetos e estabelecer relações com o ambiente: é o corpo em ativação, em estado contínuo de experienciar.

Um exemplo disso são as imagens rupestres, pois provocam outras possibilidades no corpo no momento em que as observamos. São sensações corpóreas que deslizam entre o passado e o presente.

Nas grafias de Dança, são registros, vestígios de uma dança que já não está mais ali, mas indicam como as ocorrências que se deram, já que sinalizam modos relacionais. E assim nos permitir identificar os registros de dança e propor que são índices de sua existência. (MARQUES, 2012.)

Isso pode ser observado nas inscrições em torno das cavernas, que as estudiosas Niéde Guidon<sup>12</sup> e Anne-Marie Pessis<sup>13</sup> veem desenvolvendo por alguns anos no PARNA Serra da Capivara, pois as imagens lá existentes são únicas, onde a Dança que existe no PARNA não é uma Dança mercadológica, é uma Dança que está lá, cravada, e nos permite pensar no processo evolutivo da dança.

Como forma de fomentar e propor a percepção de algumas figuras rupestres como índices evolutivos de dança, a pesquisadora Adriana Bittencourt apresenta como análise e proposta teórica que “o Corpo é mídia primária, e como mídia trata de deixar rastros em representações, como forma de comunicação”. O corpo, segundo a pesquisadora, ao pensar por imagens as materializam em diversos modos de registros.

Greiner indaga:

---

<sup>11</sup> Mestra em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia, Artista Plástica, Diretora de Teatro, Dramaturga, Produtora de Cultura Popular e Depoimento da Pesquisadora/participante da Expedição de Dança.

<sup>12</sup> Doutora em arqueologia pela Universidade de Sorbonne – Paris. Criadora e Diretora do Parque Nacional Serra da Capivara e da Fundação do Homem Americano em São Raimundo Nonato/PI.

<sup>13</sup> Doutora em Antropologia Visual – Université de Paris I, Membro do Conselho Consultivo da Fundação Museu do Homem Americano.

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida e não com a mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia a qual o corpomídia se refere diz respeito a processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação... É o movimento que faz do corpo um corpo mídia.

No entanto, o corpo é o tempo todo mídia de si mesmo, está sempre negociando as informações do ambiente e se modificando. O corpo evolui, em fluxo, sendo, continuamente. Bittencourt em seu artigo (2009) - Dispositivos da comunicação: as imagens como proposições do corpo, nos trás a seguinte reflexão:

Mesmo as imagens que apresentam regularidades ao longo do tempo, nunca são inteiramente conservativas, já que a experiência é uma permanente modificadora das versões que a nossa percepção, narra para o corpo. Imagens também evoluem. (BITTENCOURT, 2009, p. 5)

E ao olharmos as pinturas rupestres percebemos temporalidade, ludicidade, transformação e diálogo. E isso reverbera em nosso corpo, que nos modifica em tempo real, onde a experiência é quem permite a transformação, já que "Estar na Serra da Capivara significou ir ao meu próprio encontro e dos milhares de anos necessários para eu poder estar aqui hoje, sendo quem eu sou" acrescenta Emanuella Kalil<sup>14</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Expedição de Dança juntamente com o Turismo, nos proporcionou um encontro com outras culturas, sabores, tempos, corpos, que saíram do seu contexto cotidiano e se permitiram viver “naquele tempo ancestral”, decifrando um tempo de milhões e milhões de anos atrás.

Na Expedição de Dança ocorreram trocas de conhecimento, proporcionados pela antropologia, arte, cinema, dança, psicologia, educação, dentre tantas, onde as imagens rupestres provocaram outras possibilidades no corpo no momento. São sensações corpóreas que deslizam entre o passado e o presente.

Neste artigo, foi proposto uma relação entre Turismo - Dança, tendo como estudo de caso a Expedição de Dança na Serra da Capivara, um lugar turístico, para refletir sobre as possíveis relações entre imagens, história, memória, dança e turismo, e este último como possibilidade de reencontro, de experimentar, viajar, confrontar, conhecer outras pessoas, encontrar outros corpos. Uma expedição como turismo cultural pede uma inversão para pensá-la como ambiente de estudo. As figuras rupestres, atestam a imbricada relação entre natureza e cultura, atentando para a compreensão das

---

<sup>14</sup> Mestra em Dança, Jornalista, Crítica de Dança e Depoimento da Pesquisadora/participante da Expedição de Dança.



especificidades de uma nova segmentação, onde envolve um diálogo entre o histórico e o cultural, ainda pouco estudado e conhecido e permite pensar na possibilidade de aproximação entre Cultura, Turismo e Dança.

## REFERÊNCIA

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo**: São Paulo: Papirus, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2003.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

BITTENCOURT, Adriana. **Dispositivos da comunicação**: as imagens como proposições do corpo. R.cient./FAP, Curitiba, v.4, n.2 p.1-16, jul. / dez. 2009.

BITTENCOURT, Adriana. **Imagens como acontecimentos dispositivos do corpo, dispositivos da dança**. Salvador: EDUFBA, 2012.

COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. **Os esquemas corporais na pintura rupestre do PARNA, Serra da Capivara, Piauí**. Coleção corpo em cena. São Paulo: Anadarco Editora & Comunicação, 2010.

COSTA. Nelson Nery. **As primeiras ocupações humanas no Piauí**. Revista Presença. Teresina ano XXI n.36 II semestre, 2006.

GASTAL, Susana. **Turismo: 9 propostas para um saber fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed LTC S.A, 1989

KATZ. Helena. **Um, Dois, Três. A dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: FID Editora, 2005.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. São Paulo. Aleph, 2000.

LEED, Eric J. **The mind of the traveler. S/L**: BasicBooks, 1991.

LEGOFF, J. **História e Memória**. Campinas – SP: Editora: UNICAMP, 1990.

MARQUES, Luzia Amélia Silva. **GRAFIAS NA PEDRA: ÍNDICES EVOLUTIVOS DA DANÇA (Dissertação Mestrado em Dança)**: UFBA, 2012.

MOLETTA, Vânia Florentino. **Turismo Cultural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2000.

REVISTA PRESENÇA. **As primeiras Ocupações Humanas no Piauí**. Ano XXI, n 36. Teresina II semestre/2006.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas/SP. Editora:UNICAMP,2007.

TRIGO, L.G.G. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas**. Campinas: Papirus, 1993.